



MODA, GÊNERO E INFÂNCIA NAS LENTES DE “MINHA VIDA EM COR-DE-ROSA”

Fashion, gender and childhood on “My life in Pink” lenses

Pires, Marianna Ribeiro; Me; Instituto Federal Catarinense,
mariannaribeiropires@gmail.com¹
Schemes, Claudia; PhD; Universidade Feevale, claudias@feevale.br²

Resumo: Este artigo apresenta um estudo sobre as relações entre gênero e infância e sua relação com a moda, a partir da obra filmica *Minha vida em cor-de-rosa* (1997) com a qual busca analisar como as vestimentas auxiliam no desenvolvimento de identidades de gênero, por vezes opostas às que foram atribuídas no momento do nascimento.

Palavras chave: Gênero; Identidade; Infância.

Abstract: This article presents a study on the relationship between gender and childhood and its relation to fashion, from the film *My Life in Pink* (1997), which seeks to analyze how clothes help in the development of identities of gender, sometimes opposed to those attributed at birth.

Keywords: Gender; Identity; Childhood.

Introdução

Em consonância com saberes que relacionam gênero e infância, abordados pelo viés da moda e do cinema, realiza-se neste artigo, um estudo da moda como manifestação cultural, percorrendo tanto as questões corpóreas quanto o uso das roupas na produção de sentidos e construção de identidades, assim como busca apresentar o cinema enquanto fonte de pesquisa histórica. Como questão a orientar a análise, parte-se da seguinte indagação: de que maneira o personagem principal do filme *Minha vida em cor-de-rosa*, Ludovic, é representado pelas vestimentas a fim de afirmar a sua identidade de gênero? Nesse sentido, é objetivo geral analisar quais elementos de estilo do personagem principal do filme mencionado são considerados transgressores, quando

¹Mestra em Processos e Manifestações Culturais, Especialista em Modelagem do Vestuário e Bacharel em Moda pela Universidade Feevale (Novo Hamburgo-RS).

² Doutora em História (PUCRS), Mestra em História Social (Universidade de São Paulo-USP); professora da Universidade Feevale (Novo Hamburgo-RS).



se considera apenas a questão biológica, desconsiderando a identidade de gênero. No que se refere ao gênero, apresentam-se estudos que articulam papéis e identidade de gênero com base em Louro (2003), Grossi (1998) e Sabat (2001); o conceito de transgeneridade/transsexualidade, por meio dos estudos de Jesus (2012), e uma breve contextualização a respeito das representações de ser menino e ser menina na história da moda, a partir dos estudos de Ariès (1981), Paoletti (2018) e Heller (2013). Por fim, analisa-se especialmente o figurino do protagonista da obra mencionada, buscando compreender quais elementos de estilo são utilizados a fim de que sua identidade de gênero possa ser reconhecida socialmente. A metodologia de análise da obra fílmica se deu através de uma abordagem qualitativa, buscou-se analisar, além dos elementos de estilo presentes nos figurinos, outros fatores concernentes à temática do estudo, como cenários, falas e posturas dos personagens, compreendendo, dessa maneira, os variados elementos cinematográficos da obra. Assim, concluiu-se que por meio de suas escolhas vestimentares, que são culturalmente femininas, Ludovic busca afirmar sua identidade de gênero feminina. Além das vestimentas, suas brincadeiras e comportamento, no geral, representado muitas vezes por suas falas, contribuem para a construção social da sua identidade transexual.

Moda: uma manifestação cultural

Entende-se que a moda é um fenômeno que transcende o simples ato de vestir o corpo por questões protéticas ou de pudor, mas ao contrário, é uma significativa forma de expressão, proveniente de diferentes técnicas de construção e elaboração de caráter discursivo (Castilho, 2009, p. 37). Conjunto de trajes, acessórios ornamentais, intervenções estéticas e cirúrgicas são exemplos de formas de expressão e de decorações corpóreas pelas quais os indivíduos vão construindo a sua identidade e fabricando a imagem pela qual gostariam de ser reconhecidos socialmente. Nessa mesma linha de pensamento, Calanca (2008, p. 16-17) acredita ser por meio das vestes que o corpo



adquire significação, torna-se significativa e estabelece relações sociais, o que reitera também a ideia de Castilho (2009, p. 82) ao afirmar que o corpo é uma estrutura semiótica, e que embora não esteja desassociado do sujeito, o mesmo adquire nova significação quando é vestido pelos discursos da moda, seja confirmando ou confrontando um discurso base, que é o próprio corpo.

Para David Le Breton (2011, p. 18), o corpo é uma construção simbólica na qual representações conferem-lhe um sentido, sendo estas representações dependentes de um estado social, de uma visão de mundo e também de uma definição da pessoa. Dessa forma, segundo o autor, o sujeito age simbolicamente sobre o mundo que o cerca, procurando colocar em seu devido lugar os fragmentos de sua identidade pessoal, estes, desintegrados pelos ritmos sociais (BRETON, 2011, p. 274).

Nesse sentido, pode-se afirmar que a construção da identidade ocupa um espaço de dualidade: por um lado é um sentimento individual, o sentido de si, mas por outro lado, é condicionada por padrões sociais (Miranda, 2008), quando o sujeito então interpreta a ação de outras pessoas e em conjunto com a sua estrutura de valores, escolhe formas adequadas de exposição no mundo social, sentindo-se inclusive, mais confortável quando encontra-se em conformidade com o grupo.

No entanto, a desintegração à sociedade também pode acontecer, por meio de comportamentos, mensagens ou linguagens, que agem simbolicamente no meio social, marginalizando, muitas vezes, os indivíduos vistos como diferentes dos padrões vigentes. Aqui, chega-se ao objeto do presente estudo: as rupturas no âmbito do vestir, provocadas por Ludovic, personagem principal da obra fílmica *Minha vida em cor-de-rosa* (1997). Biologicamente nascido menino, Ludovic desafia as construções tradicionais de gênero da sociedade ocidental atual, ao sentir-se uma menina e procurar viver como uma, ação que é fortemente representada pelas suas escolhas vestimentares. A ausência de uma masculinidade tradicional e a presença da feminilidade em um corpo dito masculino lhe causa conflitos no contexto social em geral, passando até mesmo pelo espaço familiar, como será abordado neste artigo.



A fim de que a análise das vestimentas de Ludovic possa ser realizada, assim como cenários, falas e posturas que ajudam a compreender o tema na sua totalidade, considera-se fundamental abordar alguns conceitos sobre as diversas terminologias de gênero, conceitos que serão explicados a seguir.

Gênero: entendendo as terminologias

Sabat (2001) acredita que gênero são valores construídos socialmente a partir da percepção das diferenças sexuais entre homens e mulheres, ou seja, são as relações sociais entre masculinos e femininos. O conceito, no entanto, não deve estar relacionado a uma ideia de determinismo biológico. Embora o corpo sexuado não possa ser negado, não é sobre características orgânicas a que gênero se refere, mas ao contrário, segundo Louro (2003) gênero é a forma como estas características biológicas são representadas no processo histórico, estudar gênero é buscar contextualizar aquilo que se supõe sobre masculinos e femininos, procurando distanciar-se de generalizações sobre o homem ou a mulher.

Sabe-se que as diversas terminologias de gênero existentes podem provocar dificuldades de compreensão no senso comum. Grossi (1998) explica, por exemplo, as diferenças de significado entre os termos identidade de gênero e identidade sexual. Para a autora, embora possam estar relacionados, tais termos denotam significados distintos: enquanto o primeiro está relacionado ao sentimento individual de identidade, a identidade sexual está relacionada a atração afetiva e desejos, são as orientações sexuais. Estas podem ser heterossexuais (desejo pelo gênero oposto), homossexuais (desejo pelo mesmo gênero), bissexuais (desejo por ambos os gêneros), ou assexuais (ausência de desejo).

Voltando para a identidade de gênero, que é o foco principal do presente estudo, vimos que embora compreenda sentimentos individuais, a identidade de gênero pode estar condicionada a ritmos sociais, a rotulações que estão fortemente enraizadas no



contexto social, os chamados papéis de gênero, que são os padrões estabelecidos culturalmente em determinada sociedade e em dado período histórico. Dessa maneira, há uma expectativa da sociedade em relação a seus membros, sobre comportamentos ideais que então são emanados das mais diversas formas: posturas, falas, fabricação dos corpos e imagem. Tais fabricações corpóreas, como já visto, podem ser construídas por meio de trajes, adornos, intervenções. Nesse sentido, toda ruptura de um padrão, aquilo que saiu do seu “papel”, tende a causar certo estranhamento social, exemplos que ocorrem com a transgressão dos tradicionais arranjos de gênero.

Nesse ponto, temos duas terminologias pertinentes para a compreensão da temática do estudo. A primeira, baseada em Petry e Meyer (2011) é o termo heteronormatividade, sendo hetero o outro, o diferente, antônimo de homo, que significa igual. Já o vocábulo norma, denota algo que é normal, segue uma norma, regula, torna igual. Em termos de sexualidade, hetero, que é a atração pelo gênero oposto, é o padrão normativo de sexualidade, o que naturaliza na cultura a ideia de que a norma seja a relação entre pessoas de gêneros opostos, e dessa forma, exclui as outras formas de sexualidade existentes, como as relações entre pessoas do mesmo gênero ou ambos os gêneros.

A segunda terminologia da qual gostaríamos de tratar é o termo transgênero. Para Jesus (2012), o termo abarca toda a gama de pessoas não identificadas com o gênero que lhes foi atribuído no momento de seu nascimento, como transexuais, por exemplo, foco do presente artigo. Aliás, o termo transexual é exatamente isso, a não-identificação com o gênero atribuído, e não necessariamente está relacionado a cirurgia de redesignação sexual, embora possa ser a vontade da pessoa que se reconhece como trans, a fim de adequar seu sexo com a sua identidade de gênero. A não-identificação de gênero pode acontecer de diferentes formas, graus e em momentos diferentes, de maneira que o indivíduo pode reconhecer-se como transexual desde criança ou tardiamente, fato que muitas vezes está relacionado com as repressões sociais que estas pessoas enfrentam.



Diante das elucidações aqui realizadas sobre as terminologias de gênero, acredita-se ser possível a análise da obra *Minha vida em cor-de-rosa* (1997), de forma a proporcionar uma leitura mais inteligível e sensível sobre as relações entre gênero e infância, que aqui se apresentam na perspectiva da moda e do cinema.

A identidade de gênero na moda e no cinema pelas lentes de *Minha vida em cor-de-rosa*

Cinema: um misto de arte, magia, encantamento e tecnologia nas palavras de Celso Sabadin (2018), crítico e jornalista. Desde o surgimento deste instrumento comunicador e de entretenimento, que é o cinema, o mesmo entusiasmou populações sedentas por informação, lazer e novidades, mas, se inicialmente estava mais voltado para a técnica de projeção de imagens em movimento, o cinema foi adquirindo relevância no campo das artes e também como fonte para a pesquisa histórica, sendo um mediador das transformações sociais, culturais e artísticas conforme Rossini (2008, p. 123). A autora explica que tratando-se de utilizar o cinema como fonte para a pesquisa, há de se considerar os muitos elementos presentes nas obras cinematográficas, tais como entrecruzamentos de imagens, ângulos das câmeras, movimentos, sons e falas, músicas, luzes, indumentárias, etc., de forma que focalizar uma análise filmica apenas em seu aspecto verbal, por exemplo, seria deixar de compreender a obra em sua totalidade. Nesse sentido, na análise de *Minha vida em cor-de-rosa* (1997), procuraremos estabelecer relações entre esses diversos elementos cinematográficos mencionados por Rossini (2008), como vestimentas, falas e cenários, com o objetivo de contemplar o contexto que o personagem da obra está inserido.

Nascido em corpo de menino, Ludovic³, ou Ludo, como é chamado, se define como um menino-menina e acredita que um dia será uma menina por completo, assim,

³ Ludovic, interpretado por Georges du Fresne, é o personagem principal da obra mencionada, cujo título original é *Ma vie en rose*, um longa-metragem de 1997, roteirizado por Alain Berliner, produzido por Carole Scotta e com figurino assinado pela *costume designer* Karen Muller Serreau. O longa foi rodado na França, Bélgica e Reino Unido.



tanto suas brincadeiras como suas vestimentas são pautadas em uma tradicional feminilidade da cultura ocidental atual: gosta de brincar com bonecas, dançar, usar vestidos, brincos, sapatos de salto alto e usar batom, atos que se repetem com frequência. Além disso, suas falas enfatizam o sentimento de que é uma menina, sente-se como uma, e portanto sua identidade de gênero difere daquela atribuída no momento de seu nascimento, caracterizando-se como uma identidade transexual.

Cabe ressaltar a qualidade mutável da moda, pois vestimentas que hoje apresentam-se como incomuns, no passado poderiam ser utilizadas sem gerar questionamentos ou estranhamentos. Percorrendo a história da moda infantil, percebemos que alguns hábitos transformaram-se, como o uso de vestidos por exemplo. Segundo Blazeski (2018), esta vestimenta que atualmente é atribuída ao universo feminino, no passado era utilizada por ambos os gêneros, pois facilitava o ato de vestir as crianças, a troca de fraldas e a ida ao banheiro pelas crianças maiores, já que calças ainda não possuíam fechamentos com zíperes. Por esses motivos era comum o uso de vestidos por ambos os gêneros até os sete anos de idade aproximadamente, um hábito que se estendeu por séculos e que aparecem em pinturas e fotografias da Era Vitoriana, como a de Franklin Roosevelt, por exemplo, em 1884 (ver figura 1). O menino que posteriormente se tornaria presidente dos Estados Unidos (1933 a 1945), estava trajando no momento da fotografia, não somente roupas, sapatos e chapéu femininos aos olhos de hoje, mas também seu corte de cabelo seria considerado atualmente, um estilo para meninas, circunstância que evidencia que os costumes vestimentares e estéticos também passam por transformações ao longo do tempo.



Figura 1: Franklin Roosevelt em 1884.



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/84372192993152090/?lp=true>, 2019.

Em pinturas antigas, analisadas pelo historiador Philippe Ariès (1981) também é possível observar as representações das crianças e suas indumentárias. Além de vestidos utilizados por meninos, como já mencionado, haviam outros elementos de estilo hoje femininos, que eram então utilizados por meninos, como rendas, e também o uso da cor rosa, hábito que na sociedade ocidental atual apresenta-se como um costume feminino. No tocante a este ponto, a especialista em trajes Jo B. Paoletti (apud Porto, 2018) explica que ambos os gêneros utilizavam cores diversas, e que até o século XIX era comum o uso da cor branca, por questões de lavagem das peças. Como estas eram fervidas, caso fossem coloridas, as cores desapareceriam, ideia que é reiterada por Heller (2013). A autora argumenta ser apenas na década de 1920, quando as roupas passam a ser resistentes à fervura, é que se populariza o uso de cores nas roupas infantis.

A partir daí também surgiram as distinções entre os gêneros, representadas pelas cores azul para meninos e rosa para meninas, diferenciação que se popularizou na década de 1980 segundo Paoletti (apud Porto, 2018). Conforme a autora, se antes não havia preocupação em saber o gênero das crianças, agora essa informação passa a ser importante, em paralelo com o surgimento dos exames de ecografia para as gestantes, que detectam o gênero do bebê. Acredita-se que em função deste exame, também



emergiram estratégias de vendas segmentando mercados, assim as roupas para meninos e roupas para meninas passaram a ser especificadas por cores, um hábito que se mantém até os dias atuais e que está presente, além das vestimentas, em decorações de quartos e brinquedos.

Na obra filmica objeto de nossa análise, deparamo-nos com os costumes vestimentares do passado aqui mencionados, em um contexto contemporâneo sob a figura de Ludovic. Todavia, no curto espaço deste artigo, cabe-nos destacar apenas algumas cenas que fundamentam a hipótese de construção de identidade de gênero por meio da moda, a fim de responder ao questionamento inicial: de que maneira o personagem principal do filme *Minha vida em cor-de-rosa*, Ludovic, é representado pelas vestimentas a fim de afirmar a sua identidade de gênero?

Logo nas cenas iniciais do longa, Ludo surge em uma festa que está acontecendo em sua casa, trajando o vestido de “princesa” da sua irmã, causando um desconforto geral nos presentes. Além do vestido, Ludovic complementou a produção com sapato de salto alto, brincos, maquiagem e tiara de flores. Nesta cena, fica nítido que os pais tentam disfarçar o ocorrido, pois o pai afirma que Ludovic é o “brincalhão da família” e se vestir dessa maneira seria sua “piada favorita”, desconsiderando o fato de que para Ludo, se vestir como menina não era uma brincadeira, mas algo de que ele gostava e o fazia sentir-se bonito, como ele mesma afirma em uma das cenas: “*eu queria ficar bonito!*”. Toda a produção feminina é um hábito corriqueiro para Ludo, como se observa em cenas e falas seguintes, quando a avó questiona o comportamento do menino. Já a mãe, busca argumentações em outros meios, como uma revista que leu, onde dizia que “*até os 7 anos...procuramos nossa identidade*”, numa talvez possibilidade de justificar os comportamentos do filho, nada tradicionais em relação ao seu gênero.

Na figura 2 pode-se observar o traje de Ludovic, que causou desconforto no meio social, relacionar com os chamados papéis de gênero, conceito abordado neste artigo, e como a transgressão desses papéis e padrões culturais geram conflitos sociais,



tanto para ele, quanto para a comunidade em geral. Nesta mesma imagem, comparamos a vestimenta de Ludo com uma pintura vitoriana, a fim de evidenciar, mais uma vez, que costumes hoje vistos como estranhos, em determinados períodos históricos estavam absolutamente de acordo com a norma da época, comprovando que ideais estéticos também modificam-se, incluindo masculinidades e feminilidades.

Figura 2: Pintura da Era Vitoriana e Ludovic na contemporaneidade.



Fonte: Elaborado pela autora com base em História da Moda (2013) e Estante da Sala (2015).

Outra cena que procuramos destacar é quando Ludovic sonha estar se casando com o amigo Jerôme, o que pode simbolizar um desejo íntimo, quando em sonho lhe é permitido vivenciar. Ao analisarmos o filme na íntegra fica explícito que Ludo sente-se uma menina, criando teorias próprias para explicar a forma como se sente, imaginando-se em situações com o amigo do qual pretende um dia se casar, pois será uma menina de fato. Não trata-se de uma fantasia e brincadeira de criança, mas a presença de uma identidade transexual que se manifesta desde a infância e na qual Ludovic tenta de várias maneiras expressar: suas falas, as suas preferências por determinados brinquedos ou personalidades, suas vestimentas e produções estéticas. Nesta cena em questão, destacamos também a cenografia, composta por tapete cor-de-rosa, pétalas de flores e corações, formando uma decoração feminina, que ajudam a compor a atmosfera de que Ludo vivencia em seu íntimo. Nota-se também, a composição do figurino de noiva de



Ludo: tradicional vestido branco longo, véu, tiara de flores e brincos. Ludovic sente-se feliz com sua própria imagem, ao olhar-se no espelho, e sorrir.

Figura 3: O casamento de Ludovic e Jerôme



Fonte: Elaborado pela autora com base em Minha vida em cor-de-rosa (1997).

Por último, destacamos na figura 4, uma cena significativa na construção da identidade feminina de Ludovic: a negação da sua masculinidade ao vestir uma cueca, tradicional peça íntima masculina, pelo lado contrário, com a abertura frontal sendo utilizada na parte traseira, o que pode sugerir que Ludo queira estar mais próximo de uma feminilidade, visto que a cueca virada para trás se aproxima dos modelos de calcinhas femininas da década de 90, assim como os modelos de hoje.

Figura 4: Ludovic usa a cueca de forma inversa à habitual.



Fonte: Elaborado pela autora com base em Minha vida em cor-de-rosa (1997).



Ainda é possível inferir que seu órgão sexual masculino não deveria estar ali, mas ao contrário, o órgão genital feminino é que deveria estar, numa adequação do seu corpo à sua identidade de gênero.

Considerações Finais

Ao longo desse artigo foi possível relacionar os estudos de gênero com a infância, sob a perspectiva da identidade de gênero do protagonista Ludovic, do longa-metragem *Minha vida em cor-de-rosa* (1997), que se manifesta por meio de suas escolhas vestimentares, a fim de afirmar sua identidade feminina e sua busca por reconhecimento social. Sua expressão de gênero, no entanto, rompe com padrões culturais vigentes no que se refere aos códigos do vestir, gerando conflitos no meio social. Como abordado, o corpo e as roupas que o vestem emitem mensagens que auxiliam na busca por reconhecimento de uma identidade, que nem sempre é aquela atribuída socialmente no momento do nascimento, esta baseada exclusivamente na conotação biológica. Dessa forma, na busca de afirmação de uma identidade e na busca por reconhecimento pela identidade no qual há identificação, distintas exteriorizações de gênero surgem por meio de roupas, acessórios, intervenções corporais, estéticas ou cirúrgicas, salientando que a moda é uma linguagem não-verbal e uma significativa forma de manifestação cultural.

Referências

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981.

BLAZESKI, Goran. **Most Victorian-era boys wore dresses and the reasons were practical**. The vintage News, 2018. Disponível em: <<https://www.thevintagenews.com/2018/03/20/breeching-boys/>>. Acesso em: 16 maior 2018.





BRETON, David Le. **Antropologia do corpo e modernidade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

CALANCA, Daniela. **História social da moda**. São Paulo: Senac, 2008.

CASTILHO, Kathia. **Moda e linguagem**. 2. ed. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2009.

GROSSI, Miriam Pillar. **Identidade de gênero e sexualidade**. Antropologia em 1º mão- Florianópolis: UFSC/PPGAS, 1998.

HELLER, Eva. **A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão**. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. Brasília, DF, 2012.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2003.

MINHA vida em cor-de-rosa. Produção de Carole Scotta. Direção de Alain Berliner. Bélgica/ França/ Reino Unido: Sony Pictures Classics, 1997. 1 DVD. 89min.

MIRANDA, Ana Paula de. **Consumo de moda**. A relação pessoa-objeto. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008.

PETRY, Analidia Rodolpho; MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann. Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para a pesquisa. **Textos & Contextos**, Porto Alegre, v.10, n. 1, p.193-198, jan/jul. 2011. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/viewFile/7375/6434>>. Acesso em: 2 maio 2018.

PORTO, Rita de. **Azul para meninos e cor-de-rosa para meninas? Nem sempre foi assim**. Observador, 2018. Disponível em: <<https://observador.pt/especiais/azul-para-os-meninos-e-cor-de-rosa-para-as-meninas-nem-sempre-foi-assim/>>. Acesso em: 16 maio 2018.

ROSSINI, Miriam de Souza. **Narrativas, imagens e práticas sociais: percursos em história cultural**. Porto Alegre: Asterisco, 2008.

SABADIN, Celso. **A história do cinema para quem tem pressa**. Rio de Janeiro: Valentina, 2018.

SABAT, Ruth. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. **Revista Estudos Feministas (UFSC)**, v.9, n.1, p. 11-21, set., 2001. Disponível em: <



<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2001000100002>>.

Acesso em: 30 abr. 2018.

